



# GNOSE

## IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha  
Patriarca: Tonapa



ANO VII - Nº. 82

Arcanjo da Estação Verão: Uriel

Janeiro 2010

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.  
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)

## A VOZ DO PATRIARCA

### Deveres dos Rosa-Cruzes



Os que estão mortos no túmulo da carne lerão o que segue com o entendimento externo, mas os que vivem no espírito compreenderão a sua significação ínti-

ma e agirão de acordo.

Os deveres dos Rosa-Cruzes são os seguintes:

1 – Aliviar os sofrimentos e curar as enfermidades sem aceitar remuneração alguma. A medicina que eles dão vale mais que o ouro. Além disso, é invisível e não se compra com dinheiro.

2 – Vestir-se de acordo com os costumes dos países em que habita temporariamente. A veste do espírito é a forma em habita e deve adaptar-se a condições do planeta em que reside.

3 – Reunir-se uma vez por ano em lugar determinado. Os que deixarem de se encontrar nesse lugar, quando tiverem terminado a sua vida terrestre verão

os seus nomes riscados do livro da vida.

4 – Todo membro deverá procurar uma pessoa adequada para seu sucessor. Todo homem é o criador do ser cuja personalidade adota no degrau seguinte da escala evolutiva.

5 – As letras R. C. são o emblema da Ordem. Os que tenham entrado verdadeiramente na Ordem terão no corpo os sinais, como reconhecerá facilmente quem for capaz disso.

6 – A existência da Fraternidade deve manter-se em segredo durante cem anos, contados a partir da época de sua primeira fundação. Os cem anos não terão transcorrido até que o homem se tenha despertado a consciência de sua divina natureza.

**Franz Hartmann –  
Gnose setembro 1939**

### Iniciação aos Mistérios de Eleuses

Eu não farei a vossa imaginação passar pelos nove dias de preparação a que estavam sujeitos os iniciados, nem pela multidão dos atores,



pela pompa e ordem das cerimônias e o Tumulto inevitável ao desenrolar dos ritos; pelas danças, as invocações repetidas a Baco, os símbolos solenes sus-

pensos nos ares, as corbelhas místicas, o som das liras, o ruído dos instrumentos de corda e as atitudes graves adotadas para os sacrifícios.

Farei silêncio sobre a precipitação com que se atravessava a ponte do Cefiso, sobre a majestade dos monumentos que se erguiam ao longo da área sagrada, em uma palavra. Sobre o conjunto dos meios empregados nas cerimônias para atrair e encantar os profanos. Transportar-vos-ei ao último dia das provas, descrevendo as que precediam imediatamente a iniciação.

Imagine o aspirante sozinho, num lugar preparado para recebê-lo, estendido sobre uma pele de animal selvagem, tendo diante de si um vaso de “circeon”, licor usado nos mistérios de Eleuses. A solidão em que se encontra inspira-lhe terror. Em vão ele diz de si para si mesmo que esteve a beira da torrente consagrada às nove musas e foi purificado em Agra às margens do divino Illyssus; que foi ele quem imolou o animal consagrado; que o seu pé esquerdo pisa agora as peles das vítimas sacrificadas a Júpiter Melechius; que jejuou, prometeu começar uma vida nova e satisfazer com resignação todas as exigências que lhe foram impostas.

Guiado pela curiosidade, irritado pela espera, encorajado pela firmeza que demonstrou nas provas a que foi submetido, temendo, entretanto, outras mais sérias e que talvez ultrapassem suas forças, ele vacila entre a esperança e o medo, sente o coração desfalecer em meio aos sentimentos contraditórios que o agitam; contudo, não se quer deixar abater, e para reanimar-se bebe alguns goles de “circeon”. Em breve sua cabeça perturba-se. Espectros assediavam-no, desaparecendo quando ele tenta tocá-los. Ve-se em meio dos fenômenos físicos os mais apavorantes. Tomado de terror, não mais estando senhor de seus

sentidos, atira-se o rosto contra o chão, no instante mesmo em que submerge a prancha que o mantém. O trovão estala com fragor e o aspirante é precipitado ao fundo de um abismo iluminado pelos reflexos das chamas, que apresentam ao longe, o aspecto de um mar de fogo.



O iniciado se encontra agora numa horrível caverna erizada de pontas de ferro, e não percebe senão perigos e dores por todos os lados; sustem-se a custo, nada mais vê nem ouve um suor frio lhe escorre por todo o corpo e ele julga que é chegada há sua hora derradeira. Disfarçados em lares, ministros impiedosos o flagelam, chamando-o ao sentimento da vida pelas torturas; um espectro agarra-o pelos cabelos e, levantando-o nos ares, põe-no sobre a ponta de um rochedo que o eleva em meio de oceano em chamas. De pé sobre essa elevação escarpada, ele dá gritos de desespero. Resvala, julgando rolar num braseiro vasto e ardente, atravessa nuvens, inflamadas e cai num lago, donde os sacerdotes o retiram e onde se presume que vários iniciados tenham perecido de terror. Ali os confinam aos cuidados de uma sacerdotisa de Ceres. Ela lhe anuncia que ele deve atravessar o império de Plutão, passando por sombrios bosques que o negro Cocito inunda com suas ondas, mas se deseja voltar, é preciso ir ao fundo de uma densa floresta procurar uma árvore frondosa, donde deverá arrancar um ramo de ouro, sem o qual não poderá chegar ao Tártaro.

O infeliz candidato avança em silêncio, ruminando secretamente pen-

samentos sinistros, percebe a floresta, cuja densidade redobra o seu pavor. Como penetrá-la, como perscrutar-lhe o âmago, e como ver, achar e colher esse ramo refulgente? No mesmo instante, uma pomba fende os ares e elevando-se acima das grutas do Averno, paira e baixando lentamente e vôo, vai pousar no alto da preciosa árvore.

O brilho refulgente do ouro penetra a obscuridade. O Iniciado redobra seus esforços e aproxima-se da árvore, colhendo o galho.

Percebe-se a luz de um pálido crepúsculo, a terra estremece, freme, repercutem os ecos dos gritos de terror dos animais, tudo anuncia a aproximação de uma divindade. Logo o espirante atravessa profunda obscuridade que o envolve e os desertos de Plutão povoados de espectros que ele quer atacar, combater, a isto se opondo a sacerdotisa. Chega enfim perto do rio as margens do qual se eleva o rochedo dos infernos. À vista do ramo precioso e negro. Caron aproxima-se da margem e recebe em sua barca o novo amigo dos deuses, transportando-o e ao seu guia para o lado oposto. O iniciado aproxima-se do palácio de Plutão e levanta o ramo sagrado a entrada do tenebroso abrigo. Em breve o Eliseu se lhe oferece aos olhos; encanta-o a beleza do lugar e sua vista, fatigada pelo longo período de obscuridade e pelos objetos que a ofuscaram, repousa deliciada sobre o espetáculo encantador que lhe apresenta a morada dos deuses e dos sábios. Enfim, depois de ter percorrido com uma curiosidade cheia de encantamento essas regiões fantásticas, ele chega, por uma porta de marfim, ao templo de deusa. É admitido a uma sala cheia de misticismo, duma grandeza imensa e resplandecente de claridade.

A luz parece jorrar de uma figura alta, imponente, suspensa ao meio do

templo, que representa a imagem da natureza. Os sacerdotes estão dispostos em ordem. O hierofante, erguendo-se de seu trono, afasta com sua vara de ouro o véu suspenso entre o santuário e a multidão. Uma pompa deslumbrante impressiona os olhos dos iniciados. A estátua da Natureza movendo-se parece mostrar a seus adoradores o quanto se devem considerar felizes pela bondade em lhes revelar. Seque-se a procissão em honra da deusa e exterminados os mistérios.

**(In Initiation) Gnose setembro/ novembro de 1939**

### A Fraternidade Rosa-Cruz



Quem nasceu primeiro? O ovo ou a galinha? Este problema que tem servido de assunto a muitos intelectuais e que tem intrigado a quem não diz respeito, deveria preo-

cupar precipuamente, no meu entender, a própria galinha. Ao que se vê, porém a esta não causa embaraço, não se interessando ela pelo seu próprio assunto.

Um dia o pintinho se sente animado para atacar, perfurar a casca do ovo que o contém e, sem conselho de quem quer, senão por um impulso interior, próprio, consegue o que deseja.

Ao sair, encontra-se com os seus pequeninos irmãos, que haviam estado nas mesmas condições que ele, sem que uns soubessem da existência dos outros; permaneciam invisíveis entre si, e só depois de um tempo de preparação, ao deixar a prisão, vê-se o pintinho rodeado de galinhas e de todo um mundo para ele até então desconhecido.

Indiferente, olha as cascas que deixou atrás, são estorvos que nenhum valor tem para ele, e inconscientemente,

atraída por uma força misteriosa, procura o calor da galinha mãe. Depois quando grande, já galinha, por sua vez, expende também calor solar, a mesma força bio-eletrico-magnética universal, que acumulou e que o fez nascer e que até agora lhe deu e continua a dar vida.

Nós nos parecemos com esses pintainhos, ainda que nos preocupamos em demasia com muitas causas que não nos deviam interessar, ou interessar em segundo plano, e esquecemos o essencial.

Todo o nosso mundo artificioso, todo o nosso saber material, é uma casca de ignorância e egoísmos, que nos envolve, e conquanto a divisa seja “Per áspera ad Astra”, é mister que nos cheque o verdadeiro calor para que possamos romper o envoltório.

Hoje se estuda muito e muito se consegue nas Universidades. Conhecemos as forças elétricas, químicas, mecânicas etc. e suas múltiplas aplicações, mas as forças originárias, a causa em si, desconhecemo-las.

Não obstante, também, as outras forças intelectuais, mentais, psíquicas são conhecidas. Não são estudadas, porém, nas Universidades e sim, em



certas sociedades iniciáticas que sempre existiram e tem deixando suas pegadas perfeitamente marcadas na História, destacando-se a sua influencia em todas as épocas. Hoje começa de novo

a sua atividade.

Dessas sociedades, a mais importante que se conhece é a Fraternidade Rosa-Cruz, ela possui a chave do verdadeiro saber, da sabedoria eterna. Os estudos aí são feitos sob a orientação de gurus, mahatmas, associados proeminentes dessa corporação. Os bons

estudantes chegarão a ser homens vulgares, capazes de manejar o seu próprio destino.

Nada tem de comum essa fraternidade com as sociedades conhecidas. Raramente os seus membros se visitam em corpo material. Os gurus sabem manejar um corpo invisível e com ele se comunicam. Às vezes, nem sempre, se fazem visíveis. Não os une nenhuma lei social. Os seus chefes não são nem eleitos nem nomeados; impõem-se pelo seu próprio saber. Eles é que nos podem dar o calor de que necessitamos para sair da casca. Os centros Rosa-Cruzes estão esparsos no mundo inteiro; há aqueles sediados na Índia, no México, na Espanha etc. sem que o povo, todavia, o saiba.

Hoje, impelido pelo desejo de dar a conhecer algumas coisas sobre eles aos seus contemporâneos, não quis escrever nem um guia nem um tratado. Vali-me da novela, que é forma mais apropriada.

Se esse livro cair em mãos de ignorantes, aconselho-os que o não leia; não lhes trará proveito. Mas, ao que tenham sede de conhecimento; ao que, cansado de aprender, queira, enfim, saber; ao que deseje sair da mediocridade e não se conforme com a sua situação mediana, a este recomendo que o leia; será para ele um fanal.

Pode ser que, seguindo os caminhos que traço veladamente, seja conduzido a uma “via crucis”. Mas, sem o martírio da Cruz não floresce a Rosa; sem crucificação não há Ascensão. O que me acompanhe a essa Fraternidade aprenderá a manejar forças grandiosas; e então conhecerá a origem, ao germen preexistente ao ovo e a galinha.

**Dr, Krumm-Heller Mestre Huiracocha**  
**– Gnose dezembro 1939**